

Francisco Santos: um ilustre desconhecido

por Liângela Xavier¹

*Mestre em Comunicação pela PUCRS e e
professora dos cursos de Cinema e Audiovisual
e Cinema de Animação da UFPel*

APRESENTAÇÃO

A trajetória do cinema gaúcho têm seu espaço e importância na história do cinema brasileiro, assim como a produção cinematográfica pelotense possui marcos relevantes na história do cinema do Rio Grande do Sul e do Brasil. A cidade de Pelotas teve a honra de ser o local escolhido por Francisco Santos, um inquieto português, e nela marcou seu nome na cultura pelotense. Santos é um dos fundadores do Teatro Guarani, até hoje tão admirado. Os estudos sobre este inquieto português são poucos em relação à importância de seu trabalho realizado no Sul do Brasil.

...seu nome insere-se na grande lista dos esquecidos pela história do cinema nacional. É verdade que alguns raros e minuciosos pesquisadores registram sua atividade cinematográfica no Rio Grande do Sul. Mas, de maneira geral, Santos aparece comprimido em rápidas e, às vezes, obscuras citações. (CALDAS, 1996:12)

Francisco Santos nasceu em Portugal, na cidade do Porto, em 16 de janeiro de 1873. Teve como padrinho o célebre escritor Camilo Castelo Branco. Seus pais eram de família tradicional daquela região. Urbana Dias Ferreira, sua mãe, apontada como a primeira advogada mulher do país, enviuvou quando seus filhos eram adolescentes, tornando

¹ lanzacx@gmail.com

a se casar, posteriormente, com o diplomata Francisco do Amaral Boto Machado. Francisco Santos não fazia gosto dessa nova união, vindo a se afugentar de casa, quando seu padrasto quis obrigá-lo a cursar a Faculdade de Direito de Coimbra, destino das “boas famílias” portuguesas. Santos tornou-se ajudante de fotógrafo, vindo a se tornar fotógrafo logo em seguida. Depois, trabalhou na redação do jornal de um tio, o que lhe permitiu entrar em contato com a vida cultural das cidades.

Conta-se que, certo dia, quando assistia aos ensaios de uma companhia teatral, convidaram-no a integrar o elenco, em substituição de um ator que adoecera. Esse episódio, não comprovado, o teria lançado no teatro. Outra versão, mencionada por familiares mas não confirmada, é a de que a adesão de Santos ao teatro deu-se durante uma viagem a Paris. (CALDAS, 1996: p.16)

Não há muitas referências sobre Santos nos meios teatrais portugueses. Sua atuação foi discreta. Teve aparições no Teatro Avenida de Lisboa e fez parte da Companhia dirigida por Salvador Marques. É dessa época seu relacionamento com a atriz Adelina Nobre. Segundo depoimentos prestados por filhos de Santos, ele entusiasmou-se com o cinematógrafo Lumière e resolveu dedicar-se ao cinema. (CALDAS.1996: p.16).

Santos adquire filmes e equipamentos e viaja por Portugal, Espanha e Norte da África. Não há registros sobre seu retorno a Lisboa. Com o tempo, Santos foi aprimorando-se como ator profissional, integrando importantes companhias da época. Seu ingresso na companhia do Teatro do Príncipe Real, para atuar na temporada de 1902-1903, afirma permitir-lhe-á:

...libertar-se da organização teatral portuguesa, onde se situava no terceiro escalão e partir para o Brasil a fim de, através do teatro e depois cinema, encontrar um melhor situação sócio-profissional, dentro da sociedade geral. (WEHBI, T, op.cit. apud CALDAS, 1996, p.19)

Em 5 de janeiro de 1903, o jornal O Século, assim noticiava o embarque da companhia:

Parte hoje para o Pará, no Colombo, a Companhia constituída pelas atrizes: Amélia Vieira dos Santos, Rosa de Oliveira, Julia Baptista, Joaquina Vellez, Augusta Guerreiro, Adelina Santos e Shopia Gallini; e pelos atores: Ernesto do Valle, Alvez da Silva, Luciano de Castro, José Baptista, Ramalhete, Torres José Franco e Francisco Santos e da qual é empresário o Sr. Juca de Carvalho.(CALDAS & SANTOS, 1996: p.19)

Na virada do século XIX para o século XX, vieram para o Brasil um grande número de grupos teatrais portugueses. O elenco e as montagens nacionais eram de caráter amador, daí, o absoluto predomínio lusitano nos teatros brasileiros, num fluxo intenso cuja principal motivação residia nos surtos de riqueza no Brasil: a borracha, o cacau, o café e o charque. A companhia conquistou o público de Belém e Manaus, até que a febre amarela fulmina o elenco. Em 9 de maio de 1903, morre o ator José Baptista. O espetáculo que encerra a turnê da companhia foi marcado, às pressas no dia 18 de maio. Alguns dos artistas voltam a Portugal, e outros, entre eles, Francisco Santos, permanecem em Manaus.

Segundo CALDAS:

Depois da calamidade, a primeira informação a respeito de Francisco Santos surge a propósito da presença, em Manaus, da Companhia Dramática do Teatro São Pedro de Alcântara, do Rio de Janeiro. Comandado pelos empresários Roberto Guimarães e Cardoso da Mota, este elenco apresentara a peça *O Acre*, em 21 de julho de 1903, do que se tem o seguinte registro. (CALDAS, 1996: p.22)

O ator português, Francisco Vieira Xavier, recuperado da febre amarela, dedicou especial atenção a Santos; que selaram uma amizade, assim, que iria durar enquanto vivessem. Em 1904, no altar da Igreja do Patrocínio, em Fortaleza, Ceará, os dois amigos casavam-se: *Santos* com *Maria do Carmo Menezes Rabello*; e, *Vieira Xavier* com *Antonia Pismel*, amiga daquela.

Pouco se tem registrado sobre o percurso de Santos no Teatro e, é nesse vácuo de informações que surge a Grande Companhia Dramática Francisco Santos, aventurando-se por *turnês* pelo Brasil. (CALDAS, 1996:23)

A Companhia chegou ao Rio Grande do Sul, abrindo temporada no teatro Politeama da cidade de Rio Grande. Depois, seguiu para Porto Alegre, onde a boa receptividade do público, prolongou a temporada no Teatro São Pedro. Encerrada a temporada na capital, a Companhia vem cumprir seus compromissos no Teatro Sete de Abril, em Pelotas-RS.

Sua vinda foi assim noticiada em jornal: “Companhia Dramática. Visitou-nos ontem, o Sr. Raul Dal Negro, secretário da Companhia Dramática portuguesa de

direção do ator Sr. Francisco Santos. A companhia, que deu grande número de espetáculos em Rio Grande e Porto Alegre, sendo nesta cidade 54, deve chegar aqui amanhã, estreando à noite, com a peça *O Castelo Histórico*, alta comédia.” (Opinião Pública: Pelotas, 29 de abril de 1909)

Devido ao atraso do vapor que trazia a Companhia da capital, a estréia em Pelotas foi adiada do dia 29 de abril para o dia 1º de maio. Francisco Santos agradou a crítica que deu seu veredicto: “*Em resumo, a companhia agradou e é digna do favor do público.*” (Opinião Pública, 3 de maio de 1909)

Definitivamente a Companhia caiu nas graças dos pelotenses: promoveu dois espetáculos beneficentes. Por tudo isso, Santos entrosou-se muito bem com a cidade. Tendo conquistado “sucesso e aplausos”. Completando um mês em cartaz, a Companhia despediu-se com uma badalada obra do escritor riograndino Pinto da Rocha, *Talita*, encenada em 3 de junho. Depois, seguiram para Bagé onde eram aguardados com expectativa.

De acordo com recortes de jornais, há notícias de espetáculos no Teatro *Urquiza*, em Montevideú. Em depoimento prestado por Homero Santos, soube-se que a crítica da capital uruguaia manifestara contrariedade ao elenco luso-brasileiro. A platéia, então, preparada para jogar tomates nos artistas, rendeu-se à qualidade da Companhia e aplaudiram de pé. (CALDAS, 1996: p.28)

Francisco Santos era um perfeito “exemplo de gente”. O teatro era sua alma, sua vida, um artista integral: ele produzia, dirigia, atuava, escrevia, criava cenários e efeitos especiais, adaptava textos para o palco e, se preciso, até regia uma pequena orquestra. Costumava utilizar recursos inovadores, produzindo um “teatro moderno”. De modo geral, a Companhia de Santos podia ser considerada de

boa qualificação pelas críticas positivas recebidas. Mas por melhor que fosse a Companhia, nem sempre ela recebia críticas elogiosas. Prova disso é o tom da carta de Francisco Santos publicada em página inteira de um jornal fluminense, em resposta a um comentário irônico ao fato da Companhia Francisco Santos colocar em cartaz o nome de Maria Castro - estrela da companhia - como a primeira atriz brasileira. No fundo, tal polêmica servia como propaganda. (CALDAS,1996: p.32,33)

Terminada a incursão ao Prata, a Companhia volta ao Brasil em 1910. O retorno ao Sul do país dá-se em 1912. Primeiro a Companhia cumpre temporada no Cine-Teatro Coliseu, de Porto Alegre. Depois, percorre o Oeste gaúcho, apresentando-se em cidades como São Gabriel e Alegrete. Devido às chuvas do inverno, o elenco faz uma pausa em Pelotas. A *turnê* segue pelas cidades da fronteira com o Uruguai: Sant'Ana do Livramento, Bagé e Jaguarão. Por fim, a Companhia abre sua temporada em Pelotas, no dia 14 dezembro de 1912, no Politeama, cativando o público e se mantendo em cartaz até o ano de 1913. A platéia pelotense apreciava os dramas clássicos, mas não hesitava em pedir reprise de divertidas comédias. No dia 7 de janeiro, a comédia *Outra Agência Limitada* era anunciada como o “último espetáculo da Companhia Francisco Santos.

...por sua imprecisão, a notícia dava margem a dupla indagação: tratava-se, afinal, do último espetáculo da companhia ou da temporada em Pelotas? Nos bastidores, porém, a situação estava muito clara: para Francisco Santos a hora de parar já tardara. Não iria abandonar a carreira artística, apenas descartar a vida de cigano para dar uma melhor atenção à

vida familiar. E agradara-se tanto de Pelotas, cidade que oferecia excelentes oportunidades no ramo artístico e de lazer...esse contexto, levando em conta que Santos planejava montar um estúdio de cinema, teve muita influência em sua escolha. (1996: p.37)

Francisco Santos estabeleceu laços com a cidade de Pelotas desde a primeira estada, em 1909. Mesmo não sendo do total agrado do resto dos teatros viver nesta pacata cidade, a Companhia Dramática Francisco Santos fixou-se em Pelotas, colocando um ponto final a quase uma década de viagens pelo Brasil. Durante essa segunda *turnê* pelo Sul, Santos já planejava concretizar a criação de uma produtora de filmes, aproveitando a estrutura da Companhia, seu elenco. Há quem diga, que esta foi a realização de um sonho antigo de Santos em ser cineasta, porém há de se convir que o cinema era uma máquina de fazer dinheiro, na época, e uma ameaça aos artistas de palco. Francisco Santos foi o pioneiro fora do eixo Rio-São Paulo a aventurar-se com o cinema.

Foi de passagem por Bagé que Santos revelou publicamente sua intenção em relação ao cinema:

Bagé - O empresário teatral Francisco Santos, vai estabelecer neste estado, com a denominação de Guarany, uma fábrica de fitas cinematográficas. Segundo anúncios dizem, já foram encomendados os aparelhos necessários.(Correio do Povo, 20 de setembro de 1912)

Em Pelotas, vários boatos surgiram sobre o assunto, mas a questão ficou esclarecida quando circulou a primeira edição do Diário Popular. Francisco Santos, de acordo

com o jornal, firmara contrato com o Sr. Joaquim da Costa Leite, para alugar por seis anos, “o elegante prédio à Rua Marechal Deodoro, nº 459”, para ali instalar “uma das seções da nova fábrica”.

Por fim, lia-se que da Europa já estaria chegando material para a comentada fábrica. (Diário Popular, 1º de janeiro de 1913).

Em seu princípio, a Guarany prestaria serviços publicitários, os chamados “reclames”. Entretanto era de se esperar que Santos enveredasse por caminhos mais ousados. O professor João M. dos Santos Cunha faz a seguinte indagação:

Como se explica que aqui, numa cidade interiorana de um estado sem tradição cinematográfica, pudesse ter surgido quase como que um surto na criação de filmes? Pelotas nunca mais conheceu trabalho semelhante na produção do cinema. Nos anos 20 volta-se a produzir com certa intensidade no centro do país, enquanto no sul jamais o cinema vai tomar impulso ou repetir a façanha de Francisco Santos. (CUNHA, João Manuel dos Santos. Diário Popular, 16 de setembro de 1984)

Logo de início, Santos fizera três curtas que pouco tinham haver com o propósito da empresa. Eles foram exibidos em complemento a programação do *Ponto Chic*. Nesse período a Companhia teatral cessou com suas atividades e a exibição dos curtas mostra que esse novo projeto estava prestes a decolar. A imprensa noticiava o desenvolvimento da fábrica de filmes. Nos planos iniciais estavam as filmagens do carnaval pelotense e das homenagens a Carlos Barbosa, presidente do Estado, em Jaguarão.



Fachada da Guarany Filmes



Pátio interno da Guarany Filmes

Mas naquele momento, a Guarany não dispunha de todo material completo, por não saber o retorno que viria a dar.

Quando que o povo pelotense iria imaginar uma fábrica de fitas na cidade? Era o assunto do momento e, a imprensa da capital declarava nos jornais todos os detalhes da tal fábrica.

Sabe-se que para fundar a Guarany, Santos contou com colaboração do amigo Francisco Vieira Xavier e do pelotense José Brizolara da Silva, que trabalhava como operador cinematográfico da empresa Ideal Concerto, proprietária do *Cine Ponto Chic*. Nos jornais, citava-se Brizolara como autor de alguns filmes. No *Opinião Pública*, de 26 de agosto de 1912 “é assim, por exemplo, que vemos divulgada a exibição, no *Ponto Chic*, do filme tirado pelo inteligente operador cinematográfico, nosso digno conterrâneo José Brizolara Silva”. Meses depois, mais precisamente em março de 1913, esse pioneiro cineasta pelotense é citado como câmera-man de uma das produções que a Guarany exibira naquele cinema:

“As sessões foram muito concorridas, sendo apreciado o programa exibido. Foi passado o filme da chegada do Dr. Carlos Barbosa e apanhado pelo nosso amigo Dr. José Brizolara da Silva.” (Yolanda Santos & Caldas, 1996: p.47) Francisco Santos passou a filmar todo tipo de eventos; “Qualquer baile, festa, eventos em geral era filmados e depois projetado para o público que ia assistir em grande quantidade.” (MAGALHAES, Mário Osório).

Magalhães afirma, afirma, ainda, que “o surgimento da fotografia já foi um grande “boom”, e a fotografia em movimento como é o cinema, então. (...). Com o surgimento do cinema, há uma verdadeira enxurrada de salas em Pelotas. Em tudo que é momento, em todos os lugares, eles passavam um filme. Se passava filme na rua,

ao ar livre, em uma parede... o cinema era a grande febre da época.”

Santos filmou cine-jornais, os quais complementavam a programação dos cinemas, das festas da capital de grande importância cultural e política, os desfiles carnavalescos do Clube Brilhante... A imprensa sempre acompanhou a evolução técnica da *Guarany Filmes*, que era admirável.

As atividades da Guarany Filmes eram alvo permanente do interesse da comunidade, visto que, dia após dia, as novidades moviam-se nas telas do Coliseu Pelotense, Politeama e Ponto Chic. Pelotas aparecia no cinema como Londres, Nova York ou Paris, e, eventualmente um cidadão comum posava de ator numa cena da atualidade. (CALDAS,1996: p.50)

O que mais surpreendia era a agilidade da empresa em registrar um acontecimento e logo exibir o filme. A *Guarany* também registrava jogos de futebol, grande atração na época. Adequando-se às condições de filmagem exigidas para o futebol, a *Guarany* conseguiu melhorar sua qualidade para coberturas esportivas. Filmava jogos à tarde e os exibia à noite.

Santos sempre quis produzir algo a mais que reclames e jornais de tela. Pensou em filmar a obra de seu padrinho Castelo Branco. Mas, por motivos ignorados, esses projetos foram esquecidos. Ele desejava filmar temas mais simples, sem riscos. Chegou a divulgar na imprensa um apelo oferecendo prêmio àquele que apresentasse uma boa idéia para a realização de filmes. Não se tem notícia se alguém recebeu o referido prêmio. No entanto, a produtora não ficou inerte. As novidades foram transmitidas através da imprensa:

“Sabemos que o Sr. Francisco Santos, proprietário da fábrica cinematográfica Guarany, tem prontas fitas artísticas, que brevemente serão focadas na tela do Ponto Chic. Duas dessas fitas, cujo entrecho é interessante, denominam-se *O Beijo* e *Os Óculos do Vovô*.” (Opinião Pública, 20 de março de 1913)

Existem quatro obras de Francisco Santos que merecem uma atenção especial. Vamos começar pelo *Óculos do Vovô*.

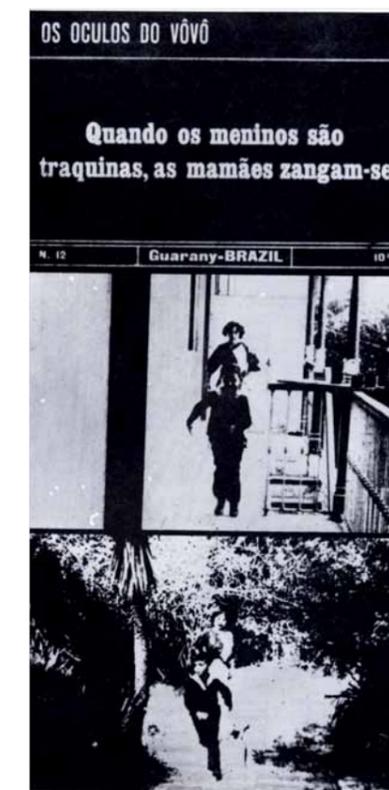
Primeiramente abordar-se-á sobre a comédia “*Óculos do Vovô*”. Esta foi a primeira obra de ficção lançada pela *Guarany Filmes*. Não há registros da época de seu lançamento, visto que a própria empresa imprimia seus folhetos de divulgação. O filme narra as peripécias de um menino travesso que pinta de preto os óculos do avô, enquanto dormia. Ao acordar e, acreditando-se cego, o avô tem um grande susto e provoca uma série de fatos engraçados.

“Santos dirigiu, escreveu o roteiro e interpretou o avô atrapalhado.No papel do garoto estava seu filho Mário, de 6 anos. Graziella e Jorge Diniz interpretavam os pais, enquanto Oscar Araújo era o doutor. Francisco Xavier participou como operador de câmera.” (CALDAS,1996: p.54)

As filmagens foram feitas no Parque Souza Soares e no estúdio da Guarany, utilizando uma “requintada e elaborada técnica de montagem”.

Eduardo Leonde, afirma que:

...é possível observar uma lógica corrente entre os diversos espaços utilizados”. A extrema



Cartaz do filme Os Óculos Do Vovo

elaboração do fragmento oferece perspectivas de um estudo, em maior profundidade, da linguagem fílmica do cinema brasileiro. “Por muitas décadas o filme ficou desaparecido, causando até dúvidas a respeito de sua realização. Em 1973, graças ao cineasta e pesquisador Antonio Jesus Pfeil, o mistério foi finalmente desvendado. (Eduardo Leonde, apud CALDAS,1996: p.59)

Pfeil foi a São Paulo visitar *Yolanda Lhullier dos Santos*, filha de Francisco Santos. Ao ser indagada sobre os fragmentos do filme, ela confirmou que guardadara uma caixa deles.

“Os fragmentos do mais antigo filme brasileiro estão guardados numa caixa de papelão vermelho e dourado. Podem explodir com a cinza de um cigarro. É por isso que Antonio J. Pfeil, um gaúcho de 33 anos, só mostra essas relíquias depois de se certificar de que não existe nenhum perigo à sua volta. Os fragmentos são do filme Os óculos do vovô, feito em 1913, por Francisco Santos, na cidade gaúcha de Pelotas.” (O Estado de São Paulo, 8 de agosto de 1973)

Pfeil não hesitou em montar os fragmentos, para ter, em suas mãos, o filme mais antigo do Brasil. A parte encontrada possui cerca de cinco minutos de duração, ressentindo-se do trecho em que o menino pinta o óculos do avô, a qual forneceria idéia mais completa. Depois da recuperação foram feitas duas cópias de 33 mm (trinta e três milímetros) destinadas à Cinemateca do Museu de Arte do Rio de Janeiro e Cinemateca Brasileira de São Paulo.

Segundo Caldas, “o filme tem fascinado aos espectadores

de retrospectivas e festivais de Cinema Brasileiro em que é apresentado. Inclusive os do *Beaubourg*, em Paris. Quem diria...” 1996: p.60)

Outra obra de Francisco Santos que merece relevância é *O Marido Fera*. Essa produção abordou um caso policial ocorrido na cidade de Bagé, em 1913. A história girava em torno da desconfiança do marido de que a esposa lhe traía. Então esse estancieiro resolveu prendê-la em uma espécie de chiqueiro. Uma denúncia de populares levou a polícia, em 6 de outubro, ao local do cativo. A pobre mulher vivia há quatro anos, acorrentada e no meio da lama, num cubículo coberto de capim, com dois palmos de comprimento por seis e meio de altura. Francisco Santos e Vieira Xavier não hesitaram em partir para BAGA a fim de acompanhar este caso que tanta repercussão pública rendeu.

“Filmando - *in loco* - todos os lances da captura dos envolvidos, a reconstituição, a prisão e a agitação popular, logram realizar um documentário valioso. Conta-se que, no mesmo dia, de regresso para Pelotas, montaram uma câmara escura (*atelier* fé fotografia) no vagão do trem, fazendo revelação e copiagem dos filmes durante a viagem. O que gerou essa lenda foi uma conclusão: o que Santos projetou foi um *short* dentro das atualidades.” (CALDAS:1996: p.61 e 62)

A imprensa seguia dando cobertura ao crime, propiciando um ótimo momento para o lançamento do *Marido Fera*. O público estourou a bilheteria. Para Caldas “apresentava um cunho pirotesco de reportagem desenrolando-se num ritmo que ora se mostrava trágico ora hilariante.” (1996: p.62). A repercussão nas outras cidades do Estado foram ótimas; em Bagé, por exemplo, a polícia chegou a proibir a venda de entradas para evitar superlotação no Coliseu.

Com todo esse sucesso no Estado, a *Guarany Filmes* arrecadou um excelente bilheteria.

A.J. Pfeil sustenta quanto a qualidade que *O Marido Fera*:

“foi um filme de méritos, demonstrando sensibilidade jornalística, dentro da escola realista, numa época em que o cinema era pouco conhecido tecnicamente, pois dependia da prática e da pesquisa.” (Correio do Povo, 17 de março de 1974)

Amor de Perdição foi obra mais ambiciosa e custosa de Francisco Santos. Baseada no romance que seu padrinho, Camilo Castelo Branco escreveu em 1862, dando-lhe grande popularidade, “é um obra que, em curta definição, une o plano espiritual do amor e o plano material da paixão e dos instintos, e onde há muito da vida pessoal do autor.” (CALDAS,1996:p.63)

O orçamento da produção era considerado muito alto para época, visto que Santos contratara participações especiais de artistas como Átila e Conchita de Moraes, Sarah Nobre e o câmara Alberto Botelho, conhecido como produtor de cine-jornais no Rio de Janeiro. Mesmo com apenas duas partes do filme prontas a produção foi finalizada; os motivos, ninguém sabe ao certo. Uma hipótese provável foram os apelos da crônica policial. “Ocorre que, por aqueles dias, culminava o inquérito policial sobre um bárbaro crime que apavorava a comunidade gaúcha. Era um fato que levado para o cinema, como *Marido Fera*, propiciaria gordas bilheterias.” (CALDAS, 1996: p.64)

A última obra a ser comentada neste trabalho, talvez seja a que mais cifras tenha rendido a Francisco Santos. *O Crime dos Banhados*, relata a morte de uma família

inteira, assassinada, barbaramente, na Fazenda Passo da Estiva, no 5º Distrito do município de Rio Grande, ocorrido em abril de 1912. O massacre causou forte impacto na opinião pública do Sul, merecendo uma atenção especial da imprensa. O inquérito policial prolongou-se por mais de um ano, apontando três jagunços responsáveis pelo crime. A causa, não se sabe ao certo, é provável que uma disputa de terras tenha sido o motivo desse bárbaro assassinato. Os boatos chegaram ao ouvido do, então, governador, Borges de Medeiros, que nomeou Ramiro de Oliveira para presidir o inquérito.

O Correio Mercantil não perdeu a chance de ironizar as ações investigatórias no local do crime: “Que bela ocasião para os senhores Francisco Santos & Cia. Apanharem um filme sensacional da aparatosa diligência do coronel sub-chefe... Esperamos que assim aconteça, pois temos curiosidade em assistir a passagem do filme. Desejávamos ver o acampamento, as praças da briosa, jogando o osso e a carranca impenetrável do coronel sub-chefe, aprofundando o misterioso crime...” (Correio Mercantil, 18 de março de 1913)

Em Rio Grande, o advogado e escritor Dolival Moura pretendia publicar uma novela baseada no crime dos banhados. Mesmo assim, Francisco Santos já se preparava para filmar o fato, visto que já possuía experiência em casos policiais e sabia o lucro que esses rendiam. As filmagens iniciaram em dezembro com Francisco Santos como diretor, ator de um dos principais papéis e como eventual operador. O anúncio da ida da equipe a Rio Grande, despertou a curiosidade do público. Estranhos incidentes passaram a ocorrer. Francisco Santos chegou a ser ameaçado de morte caso não interrompesse as gravações. Outro incidente misterioso deu-se durante as filmagens. Em uma cena de tiros, o personagem

interpretado por Manuel Pêra era baleado; só alguém, não se sabe quem nem como, colocou uma bala de verdade entre as de festim. O seu ferimento só foi notado após o encerramento da cena. Vários outros fatos curiosos estão nos bastidores dessa produção.

O filme foi exibido em uma segunda-feira, 25 de fevereiro de 1914, no Coliseu Pelotense. A satisfação do público pode ser conferida nas crônicas dos jornais que registravam a atenção da platéia, destacando os detalhes do filme:

“Enorme concorrência assistiu, ontem, no Coliseu Pelotense, as duas sessões cinematográficas ali realizadas e em que foi exibida pela primeira vez, a emocionante película confecção da Fábrica Guarany e descritiva da horrorosa hecatombe ocorrida no lugar denominado banhados. A referida fita, já pela nitidez da fotografia, já pela habilidade com que foi apanhada, como ainda pela correção com que portaram-se os artistas que para ela posaram, agradou bastante, sendo gerais os encômios dos assistentes de ontem. Hoje será novamente focada na tela do Coliseu.” (Opinião Pública, 26 de fevereiro de 1914)

Esse foi o primeiro longa-metragem da *Guarany Filmes* e superou todas as expectativas de bilheteria. Apesar dos nomes fictícios, todos sabiam que ali estavam representadas situações de pessoas de renome na cena política e social. O filme apresentava créditos coloridos, vermelho, através de um processo chamado *viragem*. Essa técnica também fora usada por Santos em outras situações da película.

“Além das peculiaridades, o filme era dotado de um intenso realismo conjugado a elementos simbólicos de forte impacto, no dizer de Homero Santos.” (Homero Santos apud CALDAS, 1996: p.69)

O *Crime dos Banhados* é formado por quatro partes: O Dinheiro, A Caça, Os Associados e A Emboscada. Devido à grande aceitação do público, a *Guarany Filmes* resolveu produzir mais partes. Não há provas dessas novas partes, mas sabe-se que quando do seu lançamento em Porto Alegre, foram anunciadas as quatro partes mais um prólogo e um epílogo, não mencionados antes.

O filme foi exibido nas principais salas do Estado. A *Guarany Filmes* arrecadou boas cifras na capital e seguiu temporada no Cine Coliseu. O *Crime dos Banhados* teve destaque por seu tamanho, visto que na época a maior parte dos filmes produzidos eram curtos. Destacou-se, também, por sua qualidade artística e técnica.

Para *Alex Vianny*:

Francisco Santos se não é o precursor do Realismo no Brasil, deve repartir título com os irmãos Botelho, pois também usou o local do crime como cenário de seu filme. (VIANNY, 1959: p.72)

Com certeza, se este filme tivesse ido para as salas de Rio-São Paulo, teria marcado a história como, *Os Óculos do Vovô*.

Mas infelizmente, nem mesmo as cifras arrecadadas com *O Crime dos Banhados*, conseguiu fazer com que Francisco Santos seguisse produzindo cinema no país. Para Magalhães “o que aconteceu foi que surgiu a Primeira Guerra Mundial, e não teve como eles importarem material para fazer mais cinema, então Francisco Santos voltou a se dedicar ao teatro.” (entrevista).

Outras causas também foram apontadas por Caldas (1976: p.73):

- dificuldades em conciliar todas as atividades: estúdios, teatro e companhia, com seu estilo centralizador de administrar;
- o desgaste da produção e da exibição, provocado pelo cinema;
- a crescente pressão de distribuidores e exibidores, pois os ianques queriam que o Brasil fosse mercado consumidor;
- dissidência de parte do elenco teatral e, dos filmes que seguiu, em meio, Ribeiro Cancelli na Companhia Popular Portuguesa.

Também é possível que Santos tenha escolhido investir seu capital no mercado exibidor e gráfico.

Contudo, Francisco Santos é um marco na história do cinema brasileiro. Dom Camilo, um cronista pelotense declarou, no Diário Popular do dia 19 de junho de 1977, que Santos foi quem produziu o maior número de cine-jornais gaúchos, 100% (cem por cento) pelotenses.

A.J. Pfeil declarou que:

...indiscutivelmente o Ciclo de Pelotas se revestiu de uma certa grandiosidade, quer pelo tamanho do estúdio (que chamava de fábrica), quer pela maquinaria adquirida. Muito embora o italiano Giuseppe Labanca tenha erguido, pelos idos e 1910, no centro do Rio de Janeiro, com a irrisória quantia de 30 contos de réis, o que é considerado o primeiro estúdio do Brasil, não há notícias de outra iniciativa, na época, de tamanha envergadura como a Guarani Filmes. (Correio do Povo, 17 de março, de 1974)

Durante as produções da *Guarany Filmes*, Santos afastou-se um pouco dos palcos, já que o elenco estava envolvido nas filmagens. Como a *Guarany* não tinha sala de exibição, em meados de abril de 1913, Santos declarou que fez um negócio com a empresa *Del Grande & C.* para arrendar o Coliseu de Pelotas. Assim, Santos teria onde exibir seus filmes, e ainda, cuidar da bilheteria. Possibilitou, também, que os espetáculos teatrais preenchessem a programação do cinema. Com isso, a atividade teatral começou a aumentar as produções. Foram produzidas várias peças, entre elas, a polêmica *Os Celibatários*, que rendeu a Santos fortes críticas visto que a peça atacava questões delicadas da Igreja Católica. Algumas comédias também foram apresentadas com grande êxito, como *A Noiva e a Égua*. A reconhecida unidade de elenco foi abalada por dois fatos: primeiro, a saída da principal atriz, Maria Castro e do esposo, Joaquim Castro; depois, pela perda da atriz Francisca Britto. Com tudo isso, e envolvido na gerência do Coliseu, Santos passou apenas a produzir as peças.

Nenhuma comédia, contudo, sobressaiu-se tanto quanto *Florianópolis Por Um Óculo*, que atingiu cerca de quarenta récitas desde a estréia em 18 de fevereiro de 1914. Ribeiro Cancelli tivera a feliz idéia de ambientar as cenas na rua Quinze de Novembro, a principal de Pelotas, palco natural dos tipos populares da cidade. (CALDAS, 1996: p.83)

Depois de um tempo em cartaz, o público foi perdendo o interesse. Quando, então, Cancelli resolveu apimentar o texto, tornando-o mais engraçado. Só que foi demais, até mesmo a imprensa protestou, chamando-o de apelativo. Santos discordou dessa atitude de Cancelli, o que ocasionou o desentendimento entre eles. Cancelli, então, fundou sua Companhia Popular Portuguesa. Claro, que foi estabelecida uma ferrenha competição, mas o

público prestigiava, tanto o elenco do Coliseu, quanto o do Politeama, que tinha uma pequena vantagem, por seu repertório ser mais acessível.

Com o encerramento das atividades da Guarany Fimes, Santos teve de investir no mercado de tipografia para quitar suas dívidas com fornecedores, pagamentos de artistas...

Para Caldas, "na verdade a empresa Francisco Santos & Cia não chegou à beira da ruína, pois mantinha-se economicamente saudável em outras áreas de ação." (1996: p.89).

Santos seguia gerenciando o Coliseu, e possuía a tipografia *Guarany*, fundada em 1º de fevereiro de 1913, que na verdade, era utilizada mais para a divulgação dos Coliseu e da *Guarany Filmes*."

Com o mercado gráfico em expansão, na cidade de Pelotas, Santos investiu em maquinaria, obtida através de um amigo português, dono de uma grande tipografia em Rio Grande, a preço irrisório.

Santos reorganizou a empresa e tocou a trabalhar com afinco. Em pouco tempo o novo empreendimento alcançou excelentes resultados, conquistando um bom espaço e renome no mercado regional.(CALDAS, 1996: p.89)

Mais tarde, a então chamada *Tipografia e Litografia Guarany* ampliou sua estrutura adquirindo a gráfica da empresa *Chapon & Cia*, fundada em 1880 e localizada na rua Gonçalves Chaves, 821. No local, Santos instalou uma filial e sua residência. A *Guarany*, também, teve participação no ramo editorial, como difusora de autores e obras de

inquestionável qualidade. Na década de 30, a *Tipografia e Litografia Guarany* foi adquirida pela Livraria do Globo, que incorporou os equipamentos mais modernos e vendeu o restante como sucata.

Como já foi comentado, durante a Primeira Guerra Mundial, a produção cinematográfica foi prejudicada. No período da Guerra, entre 1914 e 1918, os americanos industrializavam o cinema e consolidavam sua hegemonia mundial na produção e exibição de filmes. O mercado exibidor também procurou atender à nova demanda, com salas modernas e melhores condições técnicas. Isso não ocorria nos teatros improvisados cinemas como o *Ponto Chic* e o *Sete de Abril*. Mesmo não oferecendo ótimas condições e, para superar o fim da *Guarany Filmes*, Santos, juntamente com seu sócio Vieira Xavier, decidiram arrendar o *Teatro Sete de Abril*:

Em 1º de abril de 1918, foi firmado contrato de arrendamento do teatro ao Sr. Francisco Santos, para exploração de sua conta, por um ano, sob compromisso, porém, de o ceder às companhias ou quaisquer entidades artísticas que o solicitassem para suas exibições temporárias.(ECHENIQUE, Guilherme, Op. Cit. p.39)

Logo, Santos percebeu que aquele não era um bom negócio, visto que cada vez que uma companhia lírica vinha à Pelotas, ficava um mês em cartaz, fazendo com que o lucro despencasse. Mas, em 1919, com o fechamento dos *cabaret-clubs*, devido ao aumento dos impostos para diversões públicas, o cinema foi beneficiado. Os freqüentadores desses *cabaret* tiveram que recorrer para o cinema.

Isso coincidiu com expirar do prazo de

arrendamento do Sete de Abril, em abril de 1919, sendo aberta concorrência - por dois anos - vencida pelo empresário Joaquim F. Passos, a empresa Ideal Concertos. (CALDAS, 1996: p.93)

Com isso, Santos percebeu que precisava ter seu próprio cinema, a cidade também precisava, de um grande e confortável cinema.

Foi a partir dessa necessidade, que Francisco Santos e Xavier associam-se ao espanhol *Rosauro Zambrano*, fundando a empresa *Santos, Xavier & Cia*, posteriormente passou a chamar-se de *Zambrano, Xavier & Santos*, para construção desse amplo e modernoso teatro. O projeto, orçado em 400 (quatrocentos) contos de réis foi denominado *Teatro Guarany*. “Oficialmente, a construção do Theatro Guarany começou em 1º de dezembro de 1919, mas em obras, de fato, só tiveram início em 4 de fevereiro de 1920.” (CALDAS:1996: 97)

Com estilo neoclássico, o engenheiro *Stanislau Szarfarki* foi orientado por Santos, este por sua vez colocou, em sua planta, elementos colhidos nos teatros que conheceu. Alguns imprevistos ocorreram, fazendo com que a inauguração do teatro fosse no dia 30 de abril de 1921, com espetáculo da *Companhia Lírica Marranti*, vinda de Buenos Aires. Cerca de três mil pessoas tiveram o privilégio de assistir à inauguração e apresentação da ópera *Il Guarany*.

A repercussão do teatro é incontestável. Seu aspecto monumental, colocava-o entre os maiores e mais confortáveis do país.

Antes mesmo de completar um ano de *theatro*, a parceria entre Santos e Zambrano foi desfeita por uma série de desentendimentos. É claro, que o Guarany ficou com



Planta do Theatro Guarany



Os sócios Francisco Vieira Xavier e Francisco Santos

Zambrano e, Santos e Xavier, voltam a estaca zero.

Guerreiros como só eles, Santos e Xavier recomeçam a construir um novo caminho. Decidem, então, em arrendar novamente o Teatro Sete de Abril. Sofreram forte concorrência, principalmente de Zambrano. Mas um dia, Santos vai ao Rio de Janeiro para pedir ajuda a seu amigo Francisco Serrador, o qual teria ajudado no passado. Serrador não hesitou em dar a Santos fitas de sucesso com artistas como Rodolfo Valentino, *Buck Jones* e outros. Com isso, Santos e Xavier cativaram grande público, podendo fazer concorrência e arrecadando bons lucros.

...mas como inúmeras vezes destacara a imprensa, o crescimento da Xavier & Santos, tinha seu maior trunfo na seriedade e no trabalho incansável de seus proprietários. (CALDAS, 1996: p.100)

Para suprir a necessidade do público com bons teatros, a dupla investiu em novas salas: em 1925, o *Apolo*, e em 1927, o *Avenida*. Em 1928, foi a vez do *Capitólio*, com instalações modernas e luxuosas, sendo considerada a melhor sala de projeção do Estado.

Um jornal da época declarava:

Devido a sua inteligente atividade e competência, a empresa Xavier & Santos entrou a progredir com tal eficiência, que conseguiu levar a termo o seu programa de ação dotando Pelotas de mais três teatros, o luxuoso Capitólio e os populares Avenida e Apolo.

O mesmo filme era projetado em todas as salas, sendo que a bilheteria do *Capitólio* cobrava altos preços, proibindo a

entrada de negros. Com a expansão dos negócios, Santos e sua esposa D. Maria do Carmo, fixaram residência em Bagé, onde inaugurou, em 12 de janeiro de 1934, o *Cine-Teatro Capitólio*. Também voltado ao público de classe “A”. Mais tarde, fundaram o *Cine-Teatro Apolo* de cunho popular, formando a maior rede exibidora no Sul do Brasil. Francisco Santos veio a perder, não apenas seu sócio, mas seu irmão que falecera em 4 de fevereiro de 1935, aos 56 (cinquenta e seis) anos.

Dois anos depois, quando Francisco Santos faleceu, não faltou quem dissesse que amigos tão unidos não ficariam muito tempo separados. Santos despediu-se da vida em Bagé, no dia 17 de junho de 1937, aos 64 anos de idade.(CALDAS,1996: p.102)

A família atendeu ao pedido de Santos e seu sepultamento foi feito em Pelotas. Além de sua família, estavam presentes, seus amigos, a imprensa, entidades estudantis e sindicais, clubes sociais e esportivos, empresários e a grande massa popular. Seu corpo foi colocado ao lado de seu amigo Vieira Xavier no Cemitério São Francisco de Paula. A revista *Cine-Arte* comunicou o fato aos cinéfilos brasileiros através de um longo artigo que destacava sua vida de teatrego, cineasta, exibidor e benemérito:

(...)A morte do veterano cinematografista representa, portanto, uma grande perda para o meio cinematográfico gaúcho. A figura simpática de Francisco Santos deixa grandes saudades em quantos o conheceram pessoalmente, entre eles, nós. CINE-ARTE que muito o admirava, e pelo que o Cinema Brasileiro devia ao fundador do Guarany, registra com pesar a morte do exibidor gaúcho

(...)(Revisra Cine-Arte, Rio de Janeiro, nº 472, 1º de outubro de 1937)

Considerando a trajetória de Francisco Santos, no Brasil, pode se refletir sobre o pioneirismo da realização cinematográfica no Rio Grande do Sul. Para Tuio Becker foi a partir do filme *Sonho Sem Fim*, de Eduardo Abelim, que a história do cinema gaúcho teve seu início. Mas nessa aventura do cinema gaúcho, Abelim não foi o único pioneiro sulino. Com ele, e na sua época, surgiram outros cineastas. O pesquisador Antonio Jesus Pfeil, através de seus estudos, lembrou nomes esquecidos, como os de Eduardo Abelim, Francisco Santos, E.C. Kerrigan, Eduardo Hirtz e Carlos Comelli. Segundo Pfeil, *Ranchinho do Sertão*, rodado aos arredores de Porto Alegre pelos irmãos Hirtz, foi o primeiro filme de ficção rodado no Rio Grande do Sul. Mas, inquestionavelmente, o primeiro e único filme de ficção brasileiro do qual ainda existem fragmentos é *Os Óculos do Vovô*, de Francisco Santos rodado em 1913. “Alemães ou descendentes de alemães (os Hirtz), um italiano (Panelli) e um português (Francisco Santos), o cinema gaúcho de seus primeiros anos foi um assunto de estrangeiros maravilhados com o invento do século.” (BECKER:1986: p.98)

Para Joari Reis, o primeiro filme longa-metragem de ficção brasileira é *O Crime dos Banhados* (REIS, 1995:73). Já para o historiador Mário Osório Magalhães, Abelim é o pioneiro gaúcho no cinema e, o Francisco Santos foi o primeiro a fazer cinema no Rio Grande do Sul. Para ele “existe um pioneiro rio-grandense, e também existe um pioneiro no Rio Grande do Sul. Magalhães também afirma que *Os Óculos do Vovô*, foi o primeiro filme de ficção do Brasil. De acordo com a pesquisa de Pedro Caldas, *Os Óculos do Vovô* consiste na primeira obra de ficção lançada pela *Guarany Filmes*.” (CALDAS:1995/1996: p.54)

Vários dados foram levantados por diferentes autores. Mas do que se tem certeza, é que Francisco Santos foi um impulso para o cinema em Pelotas e no Rio Grande do Sul. E este texto objetiva manter viva a memória de Francisco Santos e servir de estímulo para os admiradores da arte cinematográfica. 

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BECKER, Tuio. **Cinema Gaúcho Uma Breve História**. Porto Alegre. Editora Moimento, 1986. **Entrevista em 10 de Novembro concedida a Liângela Carret Xavier.**

CALDAS, Pedro Henrique; SANTOS, Yolanda Lhullie dos; SANTOS, Francisco. **Pioneiro no Cinema no Brasil**. Gramado-RS. Edições Semeador, 1995/1996. **MERTEN, Luiz Carlos. A Aventura do Cinema Gaúcho. Porto Alegre**. Editora Moimento, 1986.

CORREIO DO POVO. 30 de Julho de 1908.

_____. 20 de Setembro de 1912.

_____. 18 de Março de 1913.

_____. 17 de Março de 1974.

_____. 17 de Março de 1974.

_____. 18 de Março de 1974.

DIÁRIO POPULAR. 10 de Janeiro de 1913

_____. Autor: João Manuel dos Santos Cunha. 16 de Setembro de 1984.

MAGALHÃES, Mário Osório. Pelotas-RS.

O ESTADO DE SÃO PAULO. 8 de Agosto de 1973.

O SÉCULO. 5 de Janeiro de 1903.

OPINIÃO PÚBLICA. 29 DE Abril de 1909.

_____. 3 de Maio de 1909.

_____. 26 de Agosto de 1912.

_____. 20 de Março de 1913.

_____. 26 de Fevereiro de 1914.

PFEIL, Antonio Jesus. Artigo: "Ranchinho do Sertão: uma data significativa." Porto Alegre. **Revista VOX XXI**, Corag, p. 43, Abril de 2002.

POVOAS, Reis Nicola. Artigo na **Revista Sessões do Imaginário**. Agosto de 2002. EDiPUCRS, p. 44.

Porto Alegre.

REIS, Joari. **Breve História do Cinema**. Educat. Pelotas, 1995.

REVISTA CINEARTE. Rio de Janeiro, nº. 472, 1º de Outubro de 1937.